

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN

CURSO DE COMUNICAÇÃO: RÁDIO, TELEVISÃO E INTERNET

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Bianca Portezan de Oliveira

**CORAÇÕES DE LUTA: UM DOCUMENTÁRIO SOBRE ESTUDO, TRABALHO E
RESISTÊNCIA NA ESCOLA NACIONAL FLORESTAN FERNANDES**

BAURU - SP

2024

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN

CURSO DE COMUNICAÇÃO: RÁDIO, TELEVISÃO E INTERNET

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Bianca Portezan de Oliveira

R.A.: 191033529

**CORAÇÕES DE LUTA: UM DOCUMENTÁRIO SOBRE ESTUDO, TRABALHO E
RESISTÊNCIA NA ESCOLA NACIONAL FLORESTAN FERNANDES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Bauru - SP, como requisito para obtenção do grau de bacharel em Comunicação: Rádio, Televisão e Internet, sob orientação da Prof. Dr. Gustavo Soranz Gonçalves do Departamento de Comunicação Social.

BAURU - SP

2024

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN

CURSO DE COMUNICAÇÃO: RÁDIO, TELEVISÃO E INTERNET

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Bianca Portezan de Oliveira

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dr. Gustavo Soranz Gonçalves (Orientador)

Departamento de Comunicação Social - FAAC - UNESP/Bauru

Prof. Dr. Marcos "Tuca" Américo

Departamento de Comunicação Social - FAAC - UNESP/Bauru

Me. Nathan dos Santos Alves

Departamento de Antropologia da Universidade Nova de Lisboa - Doutorando associado ao

Centro em Rede de Investigação em Antropologia de Portugal (CRIA-PT)

BAURU - SP

2024

*Para todas as pessoas estão dispostas a lutar
por um mundo melhor.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de dizer que os agradecimentos aqui presentes não são suficientes para expressar toda a minha gratidão e admiração por quem os dedico.

Aos meus pais, Márcia e Odair, agradeço pela vida, pelas oportunidades, pela base que me deram durante toda minha trajetória até aqui, por acreditarem em mim, por estarem sempre ao meu lado torcendo por mim, por permitirem que eu pudesse chegar até aqui, e por me incentivarem a sempre buscar ser a minha melhor versão. Com muito trabalho e esforço de ambos, pude dedicar o meu trabalho e o meu esforço àquilo que amo.

Aos meus amigos, que estiveram comigo em tantos momentos da minha jornada de 2019 até hoje, que se tornaram a minha família em Bauru, compartilhando alegrias e tristezas, que me ensinaram tanto sobre amor, companheirismo, compreensão e liberdade. Para aqueles com quem dividi uma casa, uma vida, trabalhos de faculdade e muitas memórias, levarei sempre comigo a leveza e as trocas que foram essenciais para moldar a pessoa que sou hoje.

Ao Gianluca, por me acolher em seu abraço e ser um companheiro tão amoroso e gentil. Te amo.

Ao curso de Rádio, Televisão e Internet e à Unesp Bauru, envolvendo todos os professores, servidores e conhecidos que cruzaram o meu caminho ao longo desses anos, agradeço pelo conhecimento que me transformou e me radicalizou. Guardo com muito carinho as lembranças de todos os momentos que tive dentro e fora da sala de aula nessa faculdade que me deu não só um diploma, mas me deu também esperanças e sonhos, me mostrou caminhos revolucionários e permitiu que eu florescesse.

Aos professores que me inspiraram com suas falas e sua sabedoria, principalmente os professores Laan, Arlindo, Willians, Carlo, Tuca, Jefferson e Losnack, e as professoras Letícia, Larissa, Tamara, Verônica e Ana Silvia, grandes mestres com os quais tive a oportunidade de aprender e desenvolver pensamento crítico desde o começo da graduação.

Ao meu orientador, Gustavo, agradeço por acreditar no meu projeto e me dar o suporte necessário em todos os processos do mesmo, sendo a minha maior referência desde que conheci seu trabalho. Fico muito realizada por ter tido a oportunidade de ter cruzado seu caminho e ter sido orientada por você, que, mesmo no final da graduação, me deu a luz que eu precisava para encontrar o meu caminho.

Por último, agradeço todos os trabalhadores da Escola Nacional Florestan Fernandes, que abriram as portas e os corações para mim. Ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, movimento social revolucionário que sempre me inspirou e me mostrou que é possível sonhar com uma sociedade mais justa através de estudo, luta, amor, trabalho e cooperação. Para as minhas maiores referências, Florestan Fernandes e Paulo Freire; que o seu legado seja eterno através de todos os corações que acreditam e lutam por um mundo melhor.

“Um militante revolucionário não deve se deixar cooptar.

Não deve se deixar liquidar.

Deve trazer vitórias para o povo.”

(Florestan Fernandes)

RESUMO

O documentário aborda a Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF) como símbolo de formação política e emancipação social promovida pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). A narrativa é construída por meio de entrevistas com militantes que compartilham suas trajetórias e vivências na ENFF, ressaltando a prática coletiva, o estudo e o trabalho como pilares do movimento. A abordagem audiovisual se fundamenta em teorias de Paulo Freire, Bill Nichols e Sergei Eisenstein, integrando elementos contra-hegemônicos e políticos. A trilha sonora e a estética visual reforçam o compromisso de promover reflexão, visibilidade e valorização da luta pela reforma agrária e transformação social.

Palavras-chave: Documentário, Escola Nacional Florestan Fernandes, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

ABSTRACT

The documentary explores the Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF) as a symbol of political education and social emancipation promoted by the Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). The narrative is built through interviews with activists who share their journeys and experiences at the ENFF, highlighting collective practice, study, and labor as central pillars of the movement. The audiovisual approach is grounded in the theories of Paulo Freire, Bill Nichols, and Sergei Eisenstein, incorporating counter-hegemonic and political elements. The soundtrack and visual aesthetics reinforce the commitment to fostering reflection, visibility, and appreciation of the struggle for agrarian reform and social transformation.

Keywords: Documentary, Escola Nacional Florestan Fernandes, Movimento dos Trabalhadores Sem Terra.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. REFERENCIAL TEÓRICO	10
1.1. A LINGUAGEM AUDIOVISUAL POLÍTICA	10
1.2. O ÍNICIO DE UM SONHO REVOLUCIONÁRIO	14
1. PRÉ-PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO	17
2.1. DA INDIGNAÇÃO A REALIZAÇÃO	17
2.2. DESAFIOS INICIAIS	18
2.3. CRIANDO CONEXÕES	20
2.4. AS REFLEXÕES FLORESCEM	21
3. PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO	22
3.1. OS DIAS NA ESCOLA NACIONAL FLORESTAN FERNANDES	22
3.2. UMA MULHER E UMA CÂMERA	27
3.3. BUROCRACIAS	27
4. PÓS-PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO	30
4.1. A DECUPAGEM	30
4.2. A TRILHA SONORA REVOLUCIONÁRIA	34
4.3. A MONTAGEM REFLEXIVA E A EDIÇÃO POLÍTICA	39
4.4. AS CORES	41
4.5. A IDENTIDADE VISUAL	41
5. CONCLUSÕES FINAIS	48
6. REFERÊNCIAS	50

INTRODUÇÃO

O documentário *Corações de Luta* tem como objeto central a Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF), símbolo da formação política e emancipação social promovida pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Por meio de entrevistas com militantes e da análise de práticas coletivas, o projeto busca retratar as dimensões pedagógicas e sociais que permeiam o cotidiano da ENFF, com destaque para o trabalho, o estudo e a luta como pilares fundamentais do movimento.

A proposta do trabalho está ancorada em teorias que fundamentam a linguagem audiovisual política e o cinema contra-hegemônico, conforme discutido por autores como Bill Nichols, Sergei Eisenstein e Glauber Rocha. Além disso, a metodologia documental participativa estabelece um diálogo direto com os sujeitos entrevistados, refletindo sobre suas trajetórias pessoais e seu engajamento com o MST.

O documentário também se alinha aos ideais de uma práxis revolucionária, utilizando-se do audiovisual como ferramenta de reflexão e transformação social. Assim, a produção não se limita à exibição de imagens e narrativas, mas propõe uma abordagem crítica e educativa, que valoriza o papel da ENFF na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1. A LINGUAGEM AUDIOVISUAL POLÍTICA

Ao escolher produzir um documentário como trabalho de conclusão de curso, percebi que precisaria fazer uma pesquisa em relação à linguagem audiovisual exigida por esse formato. Apesar de ser um gênero que eu consumo bastante, a falta de uma base teórica e prática sobre a produção de um documentário foi o primeiro desafio que precisei superar para seguir em frente com o meu projeto.

Após conversas com o meu orientador, Gustavo, o mesmo me recomendou a leitura do livro “Introdução Ao Documentário”, de Bill Nichols, para me dar um norte em relação aos possíveis tipos de documentários que eu poderia produzir, e entender um pouco mais sobre as particularidades do gênero. Ao longo da minha leitura, consegui entender a complexidade na busca pela definição do que é um documentário, algo que Nichols comenta nos capítulos iniciais e debate ao longo do seu livro:

“Se o documentário fosse uma reprodução da realidade, esses problemas (de definição) seriam bem menos graves. Teríamos simplesmente a réplica ou cópia de algo já existente. Mas ele não é uma reprodução da realidade, é uma representação do mundo em que vivemos. Representa uma determinada visão do mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares.”. (NICHOLS, 2001, p. 47).

Nichols me deu a base teórica necessária para que pudesse entender que o documentário é um gênero em constante construção, que não tem um conjunto fixo de técnicas. Me debruçando também sobre Luiz Carlos Lucena, em seu livro “Como Fazer Documentários, percebi que, historicamente, a primeira obra a ser categorizada como não-ficção é o filme “Nanook: o esquimó” (1922), de Robert Flaherty, por ter características de um produto cinematográfico que registra o que acontece no mundo real, diferente de um filme ficcional, que constrói uma história de um mundo imaginário. Os filmes de Flaherty, como Nanook (1922) e Moana (1926), serviram de inspiração para a célebre crítica escrita pelo produtor e documentarista inglês John Grierson, publicada no *New York Sun* em 8 de fevereiro de 1926, em que foi usado pela primeira vez o termo *documentary* (ou “documentário”), inspirado na palavra francesa *documentaire*, que denominava os filmes de viagem. Diante da concepção de que um documentário retrata acontecimentos e personagens

de um mundo real e histórico, muitos autores se dedicaram a estudar o tema, através de análises de filmes de gênero e da criação de teorias que pudessem nortear a produção documental.

Tendo em mente que o meu tema abordaria a Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF) e o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST)¹, percebi que a melhor maneira de conduzir o meu documentário seria de uma maneira cujos protagonistas fossem as pessoas entrevistadas e a própria Escola, e compartilhassem suas histórias militantes dentro do MST e opiniões sobre a ENFF. Sendo assim, Bill Nichols sustenta a teoria para que o meu produto seja um documentário participativo. Nichols diz:

Os cineastas que buscam representar seu próprio encontro direto com o mundo que os cerca e os cineastas que buscam representar questões sociais abrangentes e perspectivas históricas com entrevistas e imagens de arquivo constituem dois componentes importantes do modo participativo. Como espectadores, temos a sensação de que testemunhamos uma forma de diálogo entre cineasta e participante que enfatiza o engajamento localizado, a interação negociada e o encontro carregado de emoção. Essas características fazem o modo participativo do cinema documentário ter um apelo muito amplo, já que percorre uma grande variedade de assuntos, dos mais pessoais aos mais históricos. Na verdade, com frequência, esse modo demonstra como os dois se entrelaçam para produzir representações do mundo histórico provenientes de perspectivas específicas, tanto contingentes quanto comprometidas (NICHOLS, 2005, p. 162).

A minha intenção de usar entrevistas veio após a leitura de Luiz Carlos Lucena, e também me fez refletir sobre como fazer perguntas que fossem objetivas e contextualizassem a história do entrevistado para criar aproximação com o espectador; questões pessoais que explorassem a trajetória militante dos trabalhadores da ENFF e seus sentimentos pela Escola. Lucena diz:

Por fim, vale destacar que o valor da palavra no documentário é transcendental. Pode-se criticar o uso abusivo da entrevista, mas ela permite - complementada com imagens relacionadas ao tema - que o espectador construa um perfil do entrevistado ou uma visão geral do tema abordado. O diretor sempre tem o direito de expressar sua opinião, sendo que cabe a ele decidir como conduzir a entrevista e como posicionar o seu personagem. O mais importante é que o resultado final satisfaça os realizadores e que a mensagem transmitida chegue ao público de maneira compreensível, levando-o a refletir sobre ela. (LUCENA, 2012, p. 62)

¹ Movimento social brasileiro que luta pela reforma agrária e por justiça social, fundado em 1970 na cidade de Cascavel, Paraná.

Pensando também na estética do meu documentário, e entendendo a importância da etapa de montagem e edição no produto final de uma obra audiovisual, busquei referências para utilizar práticas na pós-produção que estivessem alinhadas aos meus objetivos finais do projeto. Enquanto pessoa militante e futura graduada do curso de Rádio, TV e Internet, com conhecimento teórico sobre as intenções ideológicas que uma obra audiovisual pode carregar, sempre senti a necessidade de utilizar as mídias de comunicação como um instrumento social e educativo, abordando temas políticos e ideológicos, alinhados aos meus ideais de uma práxis revolucionária. Buscando me aprofundar em formas políticas de utilizar o audiovisual, encontrei em autores como Sergei Eisenstein uma referência para nortear o meu processo de montagem. Nas palavras do autor Natalício Batista Jr., em seu artigo “Cinema e revolução: o construtivismo russo e a montagem dialética, bases da pedagogia política das imagens de Eisenstein”:

Para Eisenstein, aqui residia a operação e o poder do cinema: o estranhamento que permitia a fusão entre o sentir e o pensar; em que o sensorial não estaria em oposição ao intelectual. A montagem, então, como paradigma geral do cinema, também sinalizava, para o autor, um procedimento de pensar por imagens, ou seja, a elaboração de um raciocínio pelo encadeamento das imagens. Nesta perspectiva, Eisenstein destacou pelo cinema e, sobretudo, pela montagem construtivista, nova forma de trabalhar conceitos e torná-los mais acessíveis às consciências, como uma aprendizagem conduzida aos espectadores pelo diretor do filme. Pode-se reconhecer, com isso, a aproximação da defesa de uma pedagogia das imagens que, pelo filme e no cinema, conduzia os espectadores a refletir sobre o que vê na tela e seu cotidiano (Eisenstein, 1990a; 1990b apud. BATISTA, N. Jr., 2017, p. 72)

Ao ler o artigo de Natalício para compreender melhor as ideias de Sergei Eisenstein, me deparei com sua ideia de uma montagem dialética, baseada na dialética marxista, aplicando os princípios de tese (uma ideia), antítese (seu oposto) e síntese (o resultado do confronto) à montagem; cada novo plano se torna uma "tese" que, ao colidir com o próximo, cria um significado emergente ou uma "síntese".

Após leitura e pesquisa que me deram as bases teóricas que para entender melhor o gênero escolhido para produzir o meu trabalho de conclusão de curso, quis ir um pouco além e buscar autores que falassem mais especificamente sobre o caráter social do audiovisual. Como já era familiarizada com os filmes documentais de Glauber Rocha, como “Cabra Marcado Para Morrer”, e seus posicionamentos políticos, sabia que a sua definição de *cinema novo* me norteariam para as bases teóricas do meu documentário, para que ele fosse um

instrumento contra hegemônico. Em seu artigo “Glauber Rocha e o movimento Cinema Novo”, Irma Viana da Silva fala sobre a opinião de Rocha para a justificar a idealização do cinema novo:

Considerando-se que, para Glauber, inicialmente, “o cinema é uma cultura da superestrutura capitalista” (ROCHA, 1963, p. 37), num momento em que o capitalismo industrial avançava, tornando-se global, no cinema novo (arte moderna, de vanguarda, antiindustrial) que se prestava principalmente à crítica da sociedade, o autor deveria ser um inimigo dessa cultura: “ele prega sua destruição, se é um anarquista como Buñuel ou o destrói, se é um anarquista como Godard” (ROCHA, 1963, p. 37). Ainda ecoando o pensamento glauberiano, no Brasil, “onde se consolida uma estrutura capitalista às contradições do submundo agrário e metropolitano”, o cinema tem sido, até então, “uma desastrosa aliança entre autores imaturos e capitalistas amadores.” (ROCHA, 1963, p. 38). (da Silva, 2022, p. 129)

Concordando com Glauber Rocha sobre sua visão de produções audiovisuais capitalistas que têm interesse em massificar a cultura, com intenções ideológicas burguesas para que o lucro seja prioridade, percebi que eu poderia agora conectar e tensionar a teoria de linguagem documental de Nichols e Lucena com uma prática dialética e política de Eisenstein e Rocha, a fim de construir uma narrativa que se propõe a ser reflexiva, questionadora e emancipatória através de recursos audiovisuais.

Buscando uma referência que seguisse os ideais de um audiovisual político, encontrei nos documentários idealizados e produzidos pelo próprio MST, como “Quem Somos Nós?” e “ENFF: uma escola em construção”, disponibilizados no canal do Youtube do movimento, uma linguagem audiovisual que seria o norte para guiar as minhas intenções enquanto militante e diretora do projeto. Entendendo a importância do audiovisual enquanto ferramenta no processo de construção da sua autonomia política (SILVA, 2023), o MST utiliza vídeos com teor educativo para se apropriar de sua própria narrativa histórica e social. Todo o material utilizado nos documentários é também escrito, gravado, roteirizado, sonorizado, montado e distribuído por e para o MST, seus militantes e aliados. Através de imagens, músicas e depoimentos que se conectam intencionalmente, é possível perceber a intenção de construir um audiovisual político, que traz reflexão e se propõe a dar visibilidade para o movimento, emancipando-o de narrativas enviesadas das grandes mídias.

Após refletir sobre as concepções de um documentário e seu caráter experimental, apoiada pela teoria de um audiovisual que não tem intenções mercadológicas, o meu projeto começa a criar forma e se desenvolver de forma orgânica.

A seguir, aprofundarei o tema deste documentário, apresentando uma contextualização social e histórica da Escola Nacional Florestan Fernandes, imprescindível para compreender seu caráter político.

1.2. O ÍNICIO DE UM SONHO REVOLUCIONÁRIO

A Escola Nacional Florestan Fernandes é uma escola em construção. A necessidade de criar um espaço de estudo, trabalho e cooperação entre os militantes do MST e aliados veio da compreensão do Movimento de que a formação política deve ser um dos pilares centrais do mesmo, avançando na consciência de classe entre os assentados². O MST começou a refletir sobre a urgência de criar uma escola nacional que respondesse às demandas crescentes de educação de militantes, fortalecendo a identidade do Movimento, e que fosse de fácil acesso geográfico para assentados, professores e Universidades parceiras.

Sendo assim, os primeiros passos na concretização do sonho da construção da Escola Nacional aconteceram no VIII Encontro Nacional realizado em Salvador, Bahia, em Janeiro de 1996. Esse encontro teve a importante missão de abrir os debates em relação a desafios que precisavam ser superados para iniciar a construção física da Escola, principalmente em relação a sua localização, que era uma das principais preocupações do MST devido a sua distribuição por todas as regiões brasileiras. Além disso, era necessário também escolher o nome da escola nacional, que passou a se chamar Escola Nacional Florestan Fernandes, como uma homenagem a esse grande homem pleno de significados por ter permanecido fiel às suas origens e defendido o ensino público, gratuito e de qualidade para todos. Nascido em São Paulo, em 22 de Julho de 1920, a trajetória de vida de Florestan Fernandes tornou-se um atestado do seu amor ao estudo, à defesa da massa dos excluídos, dos marginalizados e das crianças.

O nome da escola nacional do MST também estava intimamente associado ao que Florestan Fernandes representava para a classe trabalhadora: um grande lutador que jamais abdicou das suas convicções e que procurou viver de modo coerente com suas ideias. Um lutador incansável, desbravador do pensamento sociológico, defensor da luta de classes e do socialismo. (PIZETTA, 2020, p. 14)

² Os assentados do MST são pessoas que conseguiram acesso a terras rurais por meio do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra). O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra tem cerca de 450 mil famílias assentadas e 90 mil acampadas em 24 estados do Brasil.

Durante os anos seguintes, 1997 e 1998, foi necessária a criação de uma campanha que apresentasse a Escola e a importância de sua construção para amigos, parceiros e ONGs nacionais e internacionais que já possuíam uma relação próxima com o MST. Uma das primeiras e principais iniciativas foi a Exposição Terra (1997), composta pelas fotografias de Sebastião Salgado, na qual o movimento procurou estimular a solidariedade com a construção da Escola. O resultado foi a resposta afirmativa de muitas organizações e amigos, que passaram a contribuir sistematicamente com recursos financeiros e com a realização de um trabalho permanente de divulgação do MST. Apesar de ter sido de grande importância para dar visibilidade ao projeto de construção da Escola, a exposição de Salgado não foi a única maneira encontrada pelo movimento para disseminar a idealização da ENFF; através de parceiros nacionais e internacionais, a campanha ganhou notoriedade em meios de comunicação, palestras, produção de informativos e materiais de divulgação, assim como o CD *Terra*, de Chico Buarque, entre outros.

Agora, era preciso iniciar as buscas por um local adequado que cumprisse com os requisitos de estar próximo de uma rodovia nacional, em um raio de 10km do centro de São Paulo, além de possuir fácil acesso ao aeroporto. Após meses de viagens, visitas a imobiliárias e anúncios de jornais, a definição da compra de um terreno no município de Guararema, no bairro denominado de Parateí, aconteceu em Julho de 1998. O local escolhido fica a 70km de São Paulo, a uma distância de 1,5 km e meio da rodovia Dutra, que liga São Paulo ao Rio de Janeiro, possibilitando assim o fácil acesso de militantes do MST e aliados do movimento.

Não entrarei em pormenores do projeto arquitetônico da ENFF, considerando que o meu trabalho busca contextualizar a necessidade de construção da mesma e sua importância social para o MST. Em relação ao seu caráter pedagógico, alinhado aos interesses de formação política dos militantes do movimento, a escola está intrinsecamente ligada a um projeto popular de transformação social. Nas palavras da própria Escola Nacional Florestan Fernandes, em seu Caderno de Estudos ENFF 6, intitulado Projeto Político Pedagógico,

A formação do MST deve estar vinculada com o processo de ampliação do conhecimento teórico e prático das questões que envolvem a luta de classes. Deve estar direcionada para a formação de consciência, na perspectiva da projeção de lideranças, militantes, formadores(as), dirigentes e quadros que possam conduzir a luta de classes e o MST com autonomia política e ideológica. (ENFF, 2020, p. 21)

Dessa forma, fica evidente que a ENFF desenvolve uma pedagogia emancipadora, aos moldes de uma educação problematizadora de Paulo Freire, na busca por estabelecer bases mínimas e comuns que possibilitem aos militantes do MST desenvolver pensamento crítico para entender a realidade. Para Freire,

Uma educação que se fundamenta na capacidade crítica do educando não pode limitar-se a ser um ato de transmissão de conteúdos, mas deve ser um esforço conjunto de aprender, refletir e transformar a realidade. (FREIRE, 1987, p. 67).

Através de uma orientação metodológica que tem como base o conceito marxista de materialismo histórico dialético, o programa de formação da ENFF está vinculado com a análise de contradições das classes sociais, e não se restringe apenas nos momentos de cursos, seminários e ciclos de debate, mas está também em todas as ações coletivas que possuem intencionalidade política. A própria Escola, fruto do trabalho voluntário, obra coletiva em construção permanente, é a materialização de uma práxis revolucionária, na qual a teoria se aplica no mundo concreto. Sendo assim, é um compromisso de todos que passem por ela contribuir com a sua manutenção, dispondo de tempo e força de trabalho para realizar todos os tipos de tarefas necessárias ao funcionamento da Escola, seja na limpeza dos espaços coletivos como alojamentos e banheiros, seja na cozinha, na lavanderia, jardinagem, entre outros. O trabalho militante na ENFF não é qualquer trabalho, é aquele que adquire conotação política, ou seja, trabalho necessário, espaço de exercitar a divisão de tarefas, a cooperação e o papel do trabalho como formador de consciências, que ao mesmo tempo contribui para a manutenção e a sustentação, assim como exercita novas formas de relações sociais.

Diante de um contexto histórico de sua construção e suas bases pedagógicas, finalizo este tópico entendendo que o meu produto documental precisa ter as mesmas características de uma práxis revolucionária através do audiovisual político, que não se contenta em ser apenas um produto expositivo da Escola e do MST, mas que promove a reflexão diante de uma nova realidade em construção constante dentro e fora dos muros da ENFF.

1. PRÉ-PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO

2.1. DA INDIGNAÇÃO A REALIZAÇÃO

Durante a minha vida, principalmente na adolescência, sempre me vi indignada com injustiças sociais. Sendo uma mulher branca de classe média, sempre tive acesso a uma educação de qualidade, mesmo que não fosse uma educação emancipatória e questionadora, ainda assim foi um privilégio que muitas outras pessoas não usufruem no Brasil. Conforme fui crescendo e adquirindo consciência, principalmente de classe, me aprofundei ainda mais dentro de lutas sociais, participando de movimentos feministas da minha cidade natal, entrando em contato com outras mulheres militantes que se tornaram minha maior referência na época. Fiz muitas leituras e estudei por conta própria autores como Karl Marx, Simone De Beauvoir, Vladimir Lenin, entre outros, e pude me entender enquanto uma militante marxista-leninista, alinhada com o desejo de justiça social. Ao buscar me aproximar de movimentos que estivessem alinhados aos meus valores, pude encontrar no Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST) meu maior referencial de militância desde então.

Foi na faculdade que eu pude mergulhar ainda mais em leituras profundas sobre pautas sociais, assim como participar do movimento estudantil da Unesp de Bauru, o que me proporcionou uma radicalização teórica e prática junto com outros colegas do campus, trocando experiências, nos organizando para fazer reivindicações à Universidade, dentre outras ações coletivas que eram propostas por todos os estudantes envolvidos.

Apesar de não estar envolvida diretamente com o MST, sempre acompanhei suas lutas na cidade de Bauru, motivada por uma querida amiga, Isabela Martins Bobra, cientista social formada pela Unesp de Marília. Por ser natural de Bauru, Isabela me apresentou aos movimentos sociais da cidade e foi minha companhia em manifestações, reuniões, encontros e visitas desde que nos conhecemos, em 2021. Além disso, Isabela se tornou minha maior referência de militância por seus ideais revolucionários, seu conhecimento teórico vasto e seus posicionamentos políticos, e através das nossas trocas, pude expandir os meu horizonte enquanto militante.

Em Outubro de 2023, Isabela me fez um convite para ir junto com o Programa de Educação Tutorial (PET) do curso de graduação em Ciências Sociais da Unesp de Marília até a Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF), escola de educação e formação política do MST, em um dia de visita e ciclo de debates na Escola, com o tema “Mística, valores de práxis militante e tarefas para a juventude”. Fiquei indignada com o fato de que mesmo

estando no meio da luta social e acompanhar o MST por tantos anos, a existência da ENFF me passou despercebida, assim como do próprio Florestan Fernandes, sociólogo e socialista brasileiro que hoje é um grande exemplo de militante, estudioso e professor para mim. Desde o dia que recebi o convite, até mesmo antes de ir para a Escola, nunca mais parei de estudar e refletir sobre seus ensinamentos, e pude encontrar em seu pensamento uma inspiração para a minha trajetória militante.

Durante o dia que passamos na ENFF, observei com admiração cada espaço pelo qual passamos, entendendo o caráter social e político de sua existência. Uma escola que foi inteiramente planejada e construída por militantes do movimento e de aliados, com a força do trabalho coletivo; e que continua sendo construída diariamente e coletivamente, através de cursos de formação política para militantes, eventos culturais e tarefas na manutenção, limpeza, cozinha, horta, etc.

Após a visita, fiquei encantada e instigada a aprender mais sobre a Escola, e decidi que não só era uma escolha pessoal, mas uma necessidade, realizar meu trabalho de conclusão de curso (TCC) sobre a ENFF, e, inevitavelmente, sobre o MST. Na época da decisão do meu objeto, eu ainda não tinha certeza sobre qual seria o meu projeto; uma monografia ou um produto audiovisual. Pensando na possibilidade de fazer meu TCC sozinha, e também por ser um gênero de minha preferência, comecei a idealizar um documentário sobre a Escola, me embasando na minha experiência dentro da ENFF, na qual pude observar a ética amorosa de bell hooks de uma forma prática. Eu precisava agora buscar o material teórico para entender como fazer um documentário, e como reproduzir visualmente os conceitos de hooks.

2.2. DESAFIOS INICIAIS

Realizar um projeto documental como trabalho de conclusão de curso foi um desafio inédito para mim. Durante a graduação, trabalhamos com outros tipos de produtos audiovisuais, como programas de televisão ao vivo, curtas-metragem, webséries, vídeos, dentre outros; mas nunca tivemos a oportunidade de produzir um documentário. A falta de conhecimento teórico e prático sobre o assunto me fez entender que eu deveria fazer uma pesquisa e voltar aos clássicos, como Bill Nichols e Luiz Carlos Lucena, e, juntamente com a delimitação do tema, compreender qual seria o melhor modo de documentário a ser feito.

Após leitura e reflexão, consegui chegar à decisão de um documentário participativo com entrevistas para explicitar o tema.

Além das dificuldades relacionadas à produção de um produto audiovisual cujo eu não dominava, a necessidade de delimitar o tema para que ele fosse mais palpável, tanto bibliográfica quanto empiricamente, se mostrou essencial para que eu desse continuidade ao projeto. De início, minha ideia original seria acompanhar o dia-a-dia dos trabalhadores assentados do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) dentro da Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF), em seus momentos de trabalho, de estudo e de sociabilidade, na busca de observar e identificar na prática o conceito teórico de ética amorosa da filósofa bell hooks, que diz:

Abraçar uma ética amorosa significa utilizar todas as dimensões do amor - “cuidado, compromisso, confiança, responsabilidade, respeito e conhecimento” - em nosso cotidiano. Só poderemos fazer isso de modo bem-sucedido ao cultivar a consciência.

Estar consciente permite que examinemos nossas ações criticamente para ver o que é necessário para que possamos dar carinho, ser responsáveis, demonstrar respeito e manifestar disposição de aprender. Entender o conhecimento como um elemento essencial do amor é vital [...] (HOOKS, 2021, p. 130).

Porém, alertada pelo meu orientador, percebi que seria difícil representar algo tão complexo como o amor e a ética amorosa de bell hooks, conceitos que são mais teóricos do que práticos, e que necessitavam de uma explicação prévia ao espectador. Não seria possível abordar temas tão subjetivos e específicos da forma que eu gostaria, considerando que eu escolhi realizar meu produto sozinha e precisava de um tema que fosse de fácil realização. Decidi então recorrer às minhas próprias motivações e referências para produzir algo que fosse de cunho social e que buscasse apresentar e representar a ENFF pelas palavras das pessoas que estão e estiveram ali, cooperando para que a Escola funcione meticulosamente através de uma práxis revolucionária que junta a luta social, o estudo emancipatório e o trabalho coletivo do MST.

Em relação à minha escolha de fazer o meu documentário sozinha, tomei essa decisão por entender que além de ser um tema pessoal relacionado a minha própria experiência na Escola, as questões logísticas também poderiam ser um problema, uma vez que eu não sabia como as conversas com a ENFF iriam se desenrolar. Não foi fácil ficar responsável por todas

as etapas da produção, mas hoje vejo que foi a melhor escolha para que o resultado atingisse uma originalidade em seu formato e sua narrativa.

Apesar das incertezas em relação às primeiras etapas do meu documentário, a falta de conhecimento teórico e prático prévio e um tema em construção, segui com as certezas de uma motivação social, unida à vontade de produzir cinema político que desse visibilidade às causas sociais e seus movimentos que estão em luta constante.

2.3. CRIANDO CONEXÕES

Para dar início a produção do documentário, busquei pesquisar os contatos para falar com os responsáveis pela Escola através do site “Amigos da ENFF”³, e foi dessa forma que encontrei Rosana Cebalho Fernandes, coordenadora geral da ENFF. Rosana foi a pessoa com quem conversei para apresentar o projeto e pedir a autorização para realizar as minhas gravações, de uma forma que não atrapalhasse na rotina da Escola, que não fosse desrespeitosa e atendesse as demandas do Movimento, caso algo não pudesse ser exibido. Após algumas trocas de e-mails e uma reunião virtual, nós decidimos que as gravações seriam feitas em três diárias, sendo elas dias 25, 26 e 27 de Abril de 2024, e eu poderia me acomodar nas próprias instalações da ENFF e acompanhar as atividades como uma observadora-participante, assim como realizar uma entrevista com trabalhadores assentados do MST que estão em tarefa na Escola.

Apesar de termos conversado sobre o projeto e sobre o que pretendia ser gravado, tudo ficou um pouco incerto em relação às pessoas que teriam disponibilidade para serem entrevistadas no meu documentário. A Escola estava em processo de finalização de cursos que são exclusivos para militantes de outros países e do MST, e no sábado, dia 27, abria para visitação e ciclo de debates que acontece todo final de mês, com a presença de João Pedro Stédile, diretor nacional do MST. Isso fez com que as lideranças da Escola estivessem ocupadas com seus trabalhos e estudos, delongando as respostas às minhas mensagens e e-mails. Essa situação não afetou de imediato a produção do meu documentário, mas comentarei adiante como ela alterou levemente o formato pré-concebido de audiovisual.

³ <https://www.amigosenff.org.br/>

2.4. AS REFLEXÕES FLORESCEM

Uma vez estabelecidas as datas das gravações, eu precisava agora focar no meu tema, nos meus objetivos enquanto diretora do projeto, e como eu gostaria de conduzir as entrevistas com os trabalhadores da ENFF. Como eu já havia visitado a Escola em Outubro de 2023, eu tinha uma noção dos espaços nos quais eu poderia realizar as entrevistas e também o que eu gostaria de gravar nos mesmos, que são locais de trabalho e de momentos coletivos, como por exemplo, o refeitório, a cozinha, a lavanderia, as hortas comunitárias, as salas de aula, a biblioteca, e as áreas de lazer.

Refletindo sobre como conduzir as entrevistas com os trabalhadores militantes da Escola, cheguei a conclusão que eu queria realizar perguntas que fossem simples e objetivas, que pudessem apresentar os entrevistados e suas histórias de vida pessoais que ao mesmo tempo se cruzam com a história da Escola, exemplificando essa relação de cooperação que existe entre os militantes do MST e a ENFF. O objetivo era que o entrevistado pudesse resumir brevemente o contexto de sua relação pessoal com a Escola, como chegou até ela, e o que ela representa na vida do entrevistado. As duas perguntas escolhidas foram: “Como você chegou até a Escola?” e “O que a Escola significa para você?": são perguntas que pretendem conhecer o entrevistado, colocando-o em posição de protagonista do documentário, narrando suas histórias de militância, suas opiniões e seus sentimentos. Além disso, também são perguntas que criariam - e criaram - um vínculo entre eu, a documentarista, e as pessoas que se disponibilizaram para participar do meu produto, porque eu também tenho as minhas próprias respostas a essas questões.

Decidi por apenas duas perguntas que me dessem respostas com as quais eu poderia trabalhar de forma mais simples também na pós-produção, tópico que será abordado mais adiante neste documento, uma vez que eu estava realizando todas as etapas da produção do meu projeto sozinha, e para que a gravação não fosse extensa e não atrapalhasse o dia de trabalho e estudo dos militantes da Escola. A ideia é que as perguntas desenrolassem o fio condutor do documentário, baseando toda a sua narrativa em cima das respostas dos entrevistados diante de questões que abordassem mais do que suas funções dentro da Escola, mas sua trajetória militante, seus sentimentos e sua visão própria do que é a Escola.

3. PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO

3.1. OS DIAS NA ESCOLA NACIONAL FLORESTAN FERNANDES

Como combinado previamente, cheguei na ENFF no dia 25/04/2024, fui recepcionada e direcionada ao alojamento que foi fornecido pela própria Escola para a minha estadia. Ao encontrar Rosana Fernandes, e Bruno Diniz, membro integrante da Coordenação Político-Pedagógica (CPP), fui informada sobre os cursos que estariam acontecendo ao longo dos dias que eu estaria lá, como mencionado anteriormente, e que talvez não seria possível entrevistar os responsáveis pela Escola, principalmente os membros da CPP, pois a mesma estaria ministrando, participando e organizando as atividades que aconteciam durante o dia. Rosana também não poderia participar porque precisava ir para Brasília comparecer à compromissos oficiais do MST. Mesmo sem a participação das lideranças da Escola, Rosana e Bruno confirmaram que no dia seguinte, dia 26, trabalhadores da cozinha e da lavanderia, e também um militante que esteve na construção da Escola, estariam disponíveis para serem entrevistados, e fui orientada a procurá-los logo pela manhã nas instalações da Escola. Rosana e Bruno me deixaram à vontade para passear pelos espaços da ENFF e gravar o que fosse necessário, incluindo os momentos coletivos como refeições, aulas, tarefas e momentos de lazer.

Na primeira diária, 25/04, percebi como a Escola estava cheia, e como isso seria enriquecedor para mostrar o caráter coletivo da mesma ao longo dos dias, com militantes do país e do mundo juntos compartilhando momentos de estudo e trabalho, mas também momentos como café da manhã, almoço e jantar, lanches da tarde, a Mística⁴, um jogo de futebol e um “camarada-secreto”⁵. Como eu havia chegado um pouco antes do almoço, passei o resto do dia 25 andando pelos espaços da Escola, gravando planos que seriam utilizados posteriormente, atenta ao movimento constante e disciplinado da ENFF, que tem horários seguidos à risca para suas atividades, que eu deveria seguir também enquanto estivesse ali. Imergi na rotina e no ambiente da Escola e pude ser mais que uma diretora-observadora, que

⁴ "A mística é o mecanismo de celebrar, de cultivar o projeto político, por intermédio dos símbolos, da cultura, da memória, dos sonhos." (BOGO, Ademar. *A formação de quadros: desafios e necessidades*. In: Caderno de Estudos da ENFF 1 - A política de formação de quadros. Guararema: Escola Nacional Florestan Fernandes, p. 96.)

⁵ O camarada-secreto é um jogo como o amigo-secreto, no qual o objetivo é presentear um dos participantes após a realização de um sorteio entre o grupo. A troca da palavra “amigo” para “camarada” é devido a forma como militantes socialistas e de esquerda utilizam esse termo para se referir a outros militantes da causa.

está ali apenas para fazer uma gravação; pude participar ativamente dos momentos e das conversas, tendo uma experiência não só audiovisual, como também militante.

No dia 26, dia da segunda diária, realizei as quatro entrevistas com trabalhadores que foram instruídos previamente por Rosana sobre o meu documentário e que se disponibilizaram para realizar a gravação. As entrevistas ocorreram em três lugares diferentes, sendo eles o refeitório, a lavanderia e o jardim da Escola. Todos os entrevistados são trabalhadores assentados do MST que estão em tarefa militante na ENFF pelo MST de seus respectivos estados, e são eles: Rose e Sandra, trabalhadoras da cozinha, Marília, trabalhadora da lavanderia, e Eridan, militante que ajudou na construção da Escola em 2022. Meus encontros com os entrevistados foram em seus locais de trabalho, e as mesmas perguntas citadas acima, “Como você chegou até a Escola?” e “O que a Escola significa para você?”, foram feitas para cada um. Todos os entrevistados responderam de forma livre, à sua maneira, às vezes trocando a ordem das respostas ou acrescentando detalhes tanto sobre sua vida pessoal, quanto sobre a importância da Escola para os mesmos e para o MST. As entrevistas ocorreram como uma forma de bate-papo, sem interrupções, com uma conversa prévia sobre quem eu sou e a minha proposta, e eu os instruí a ficarem a vontade para responder como quisessem, uma vez que nenhum deles tinha experiência com a câmera e poderiam se sentir acuados. Deixei explícito que não havia nenhuma maneira correta de responder às minhas perguntas, e acredito que a interação inicial foi importante para que eles enxergassem uma documentarista que também é uma militante, que tem sua própria história sobre como chegou até a Escola e a importância que a mesma tem na sua vida.

Além das entrevistas, no dia 26, acompanhei todas as atividades da Escola, que começam logo cedo às 7hrs com o café da manhã, seguidos pela Mística, que é um dos momentos mais importantes do dia, feita pelos militantes do MST antes de começar as atividades de estudo e trabalho:

A prática da mística acompanha a organização do MST desde suas primeiras mobilizações, e teve como principais incentivadores os ‘agentes religiosos’ que apoiavam e prestavam assessoria ao Movimento. A mística é uma ‘espécie’ de ritual e celebração que acontece de diversas maneiras e com significados e sentidos variados. Sua prática dá-se nos mais variados lugares, como nos acampamentos, assentamentos, Encontros, Congressos e nas diversas manifestações que o MST empreende. De maneira geral, é praticada em forma de teatro, contendo músicas, poesias e diversos elementos simbólicos em seu interior (COELHO, 2017, p. 120).

A Mística é parte integrante do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra, alimentando e animando os militantes através de uma perspectiva revolucionária. Ela orienta as ações da militância, sendo um combustível de ânimo para seguir lutando e construindo uma sociedade socialista. É uma condição de vida que se estrutura no mundo material, entre ideias e utopias no mundo ideal, incorporando elementos da realidade e suas contradições. Sendo assim, a Mística é algo vivo e não apenas um ritual formalístico e burocrático.



Figura 1 - Imagem dos elementos usados na Mística do dia 26/04/2024.

Fonte: Bianca Portezan de Oliveira (2024).

Participei da Mistica ativamente, cantando as músicas junto com os militantes e entoando suas falas de ordem. Também pude gravar toda a atividade na íntegra, o que foi muito especial para poder ter a memória desse momento tão importante, mas também para poder compartilhar um trecho dela no meu documentário e enriquecer ainda mais sua narrativa.

Durante o resto do dia 26, gravei planos de todos os espaços da Escola, pensando em ter material para ajudar a compor o produto em conjunto com as entrevistas. A quantidade de gravações que poderiam ser incluídas no documentário foram mais do que suficientes, o que infelizmente fez com que eu não conseguisse colocar todas que eu gostaria.

Na terceira e última diária, no dia 27, a Escola estaria aberta para visitação e receberia o diretor nacional do MST, João Pedro Stédile. Foi um dia bem movimentado e muito proveitoso para gravações e para minha experiência pessoal enquanto militante, porque, ao mesmo tempo que consegui imagens importantes que representam o caráter coletivo e revolucionário da ENFF, eu também pude escutar a fala de Stédile, liderança que é referência dentro e fora do MST, que tinha como tema principal a Reforma Agrária.

Visita à Enff & Ciclo debate



"A atualidade da Reforma Agrária Popular: rumo ao VII Congresso Nacional do MST"

com João Pedro Stédile

 27 de abril às 8h

 (11) 93713-1355 ou (11) 95454-7841

 Rua José Francisco Raposo, nº 1.140, Bairro Parateí, Guararema - SP

 inscrições via link na bio @amigosenff ou pelo site www.amigosenff.org.br



**faltam
4 dias**



Figura 2 - Postagem de divulgação da visita e ciclo de debate com João Pedro Stédile.

Fonte: Instagram Amigos da Enff (2024).

Minha intenção era realizar uma entrevista com Stédile, de forma bem rápida, mas devido a sua agenda corrida, João precisou ir embora logo após a finalização do ciclo. Eu acompanhei o grupo de visitantes ao longo do dia, realizando algumas gravações espontâneas. O encerramento das atividades de visita estavam previstas para às 16h00, e eu fui embora algumas horas depois, muito satisfeita com os resultados materiais e imateriais dessa experiência. Para além dos momentos gravados e as entrevistas tão simbólicas, as conversas e momentos compartilhados fora das câmeras em sintonia com todas aquelas pessoas que dividem uma mesma causa me encheu de motivação para seguir acreditando na importância de uma práxis revolucionária, e mais do que isso, me mostrou que é possível transformar o mundo através do estudo, da luta, do trabalho e da cooperação amorosa.

3.2. UMA MULHER E UMA CÂMERA

Como mencionado acima, decidi realizar o meu trabalho de conclusão de curso sozinha, algo inédito para mim, que sempre realizei os projetos da faculdade em grupos, e desafiador em alguns momentos, pelo acúmulo de funções que demandam a produção de um documentário. Apesar das dificuldades, segui em frente com a realização do meu produto de uma forma não muito convencional aos padrões que estava acostumada na graduação, mas que foram necessários para dar o tom que eu gostaria para a narrativa.

Sendo assim, realizei todas as partes da produção, gravação e pós produção, o que me deu a liberdade de criar algo único, que não fosse tão centrado na forma hegemônica como são realizados os produtos audiovisuais. Levar uma grande equipe para a Escola, que já estava cedendo integralmente seu espaço para mim, uma desconhecida, poderia causar desconforto às pessoas que estavam ali estudando e trabalhando, assim como um distanciamento por parte dos entrevistados com a equipe, uma vez que nem todos seriam familiarizados com a Escola e com a militância do MST.

Ao analisar os resultados, acredito que a decisão de produzir um documentário sozinha, das etapas iniciais à finalização, foi a melhor opção para que a parte principal, que são as falas dos entrevistados, fossem naturais e comoventes, através da conexão que estabelecemos fora das câmeras.

Os equipamentos utilizados foram uma câmera com lentes 18mm, 24mm e 50mm, dois cartões de memória, e um microfone direcional emprestado do Estúdio de Televisão da Unesp Bauru, que foi acoplado à câmera.

3.3. BUROCRACIAS

Para a realização do meu documentário, utilizei de orçamento próprio, que foi apenas para o transporte de ida e volta de São Carlos - SP até Guararema - SP, que custou em torno de R\$400 reais, incluindo combustível e pedágios. A acomodação para a minha estadia durante as três diárias foi fornecida pela própria Escola, o que incluía também a alimentação. Não tive gastos com equipe e nem com equipamentos, que são todos de uso pessoal ou emprestados, e por realizar todas as gravações na Escola, não precisei me preocupar com pormenores que normalmente estou acostumada a lidar nos trabalhos da faculdade, como alimentação e transporte dos entrevistados.

Em relação à documentação das etapas, em sua maioria, foram realizadas manualmente, no meu caderno de estudos. Não utilizei as formas tradicionais que o audiovisual exige, em documentos formais, mas organizei à minha própria maneira meus pensamentos do que deveria ser gravado, e mais importante, qual era o meu objetivo final perante o material que eu possuía.

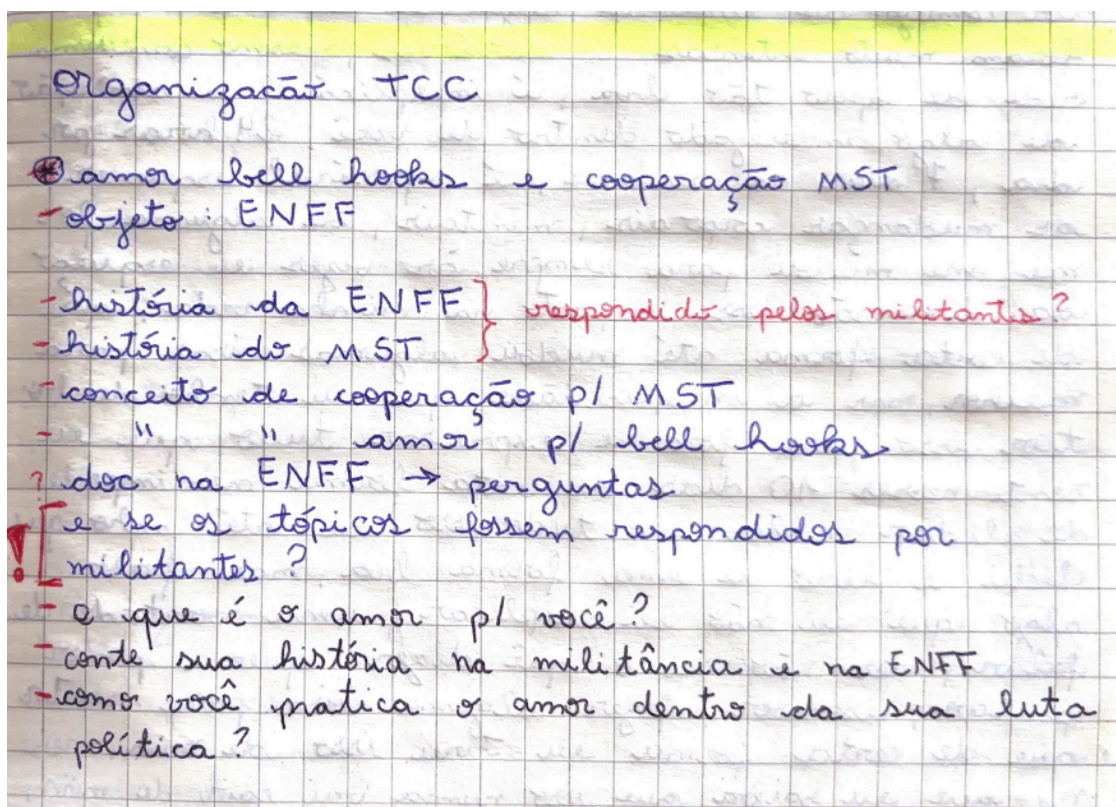


Figura 3 - O esboço das ideias iniciais.

Fonte: Bianca Portezan de Oliveira (2024).

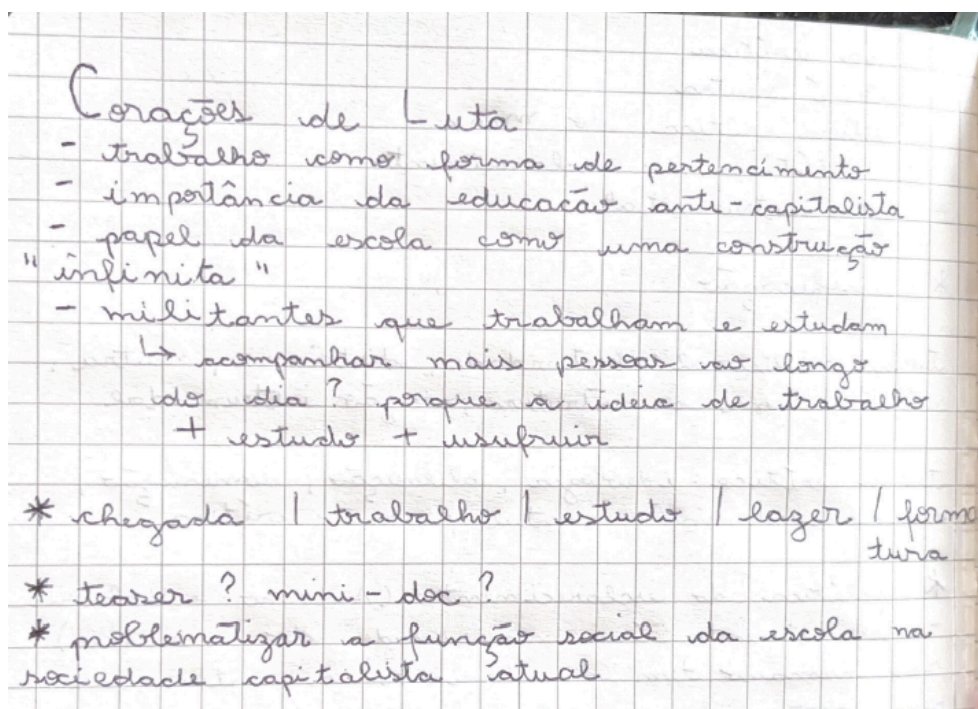


Figura 4 - O esboço das ideias iniciais.

Fonte: Bianca Portezan de Oliveira (2024).

Acredito que mesmo não utilizando as formalidades audiovisuais como roteiro e argumento previamente às gravações não me prejudicou no resultado final. Não senti necessidade de criar um roteiro que fosse além das perguntas que seriam feitas aos entrevistados, uma vez que eu não sabia quem participaria e não poderia impor os locais onde a gravação seria realizada, muito menos antecipar suas respostas, também porque como eu seria a pessoa a realizar todas as etapas seguintes, não precisaria de nenhum tipo de material que direcionasse a decupagem e a edição, por exemplo. Como também já tinha visitado a Escola anteriormente, sabia quais ambientes eu queria e precisava gravar para que pudesse complementar as entrevistas, não sendo necessário documentos para me guiar.

Mesmo sem seguir à risca os clássicos, e sem desmerecer a importância de um planejamento prévio em produtos audiovisuais, acredito que o meu documentário seja um caso à parte, uma exceção que busca tensionar os formatos aos quais estamos familiarizados dentro do curso de Rádio, TV e Internet.

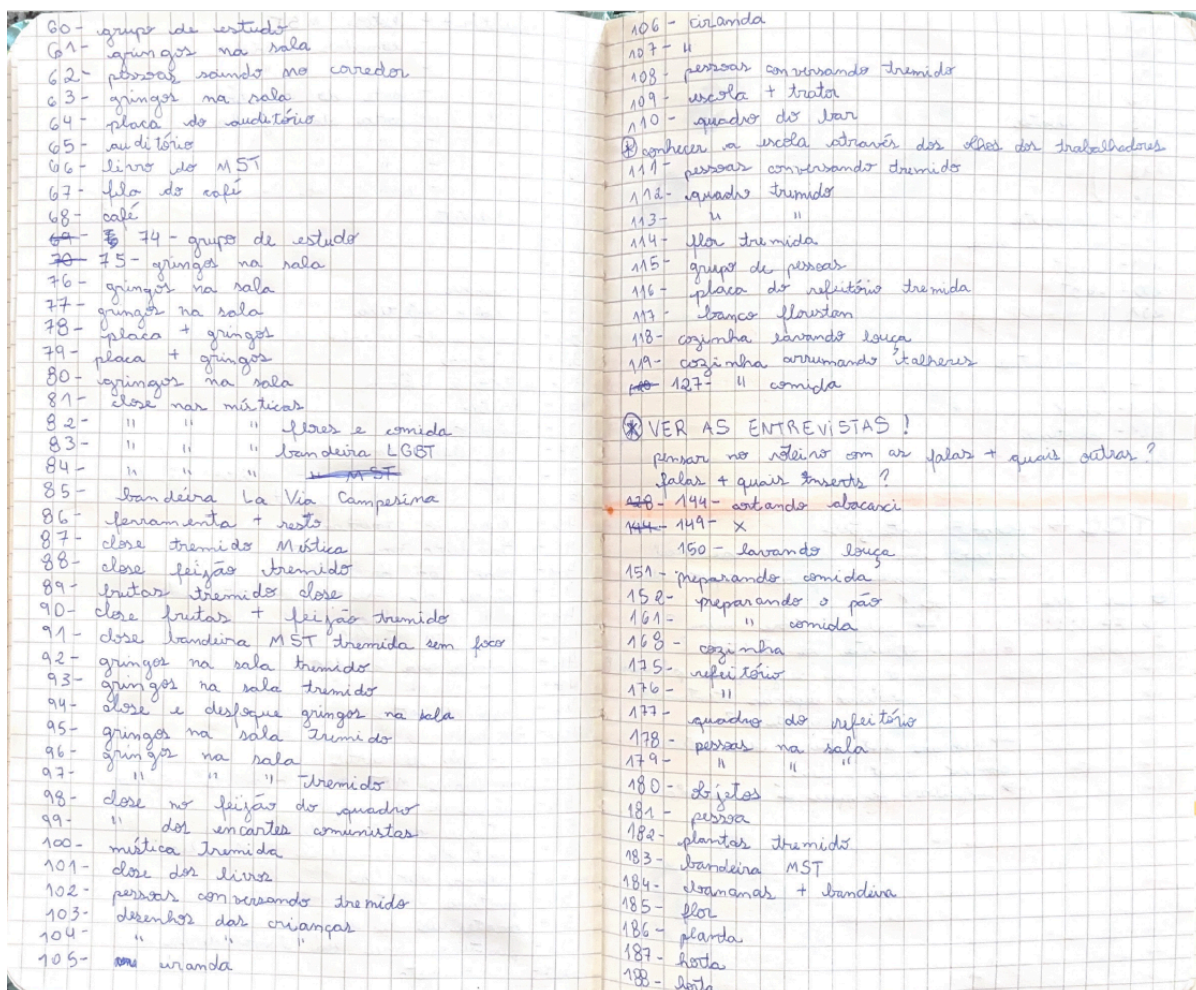


Figura 5 - A decupagem manual.

Fonte: Bianca Portezan de Oliveira (2024).

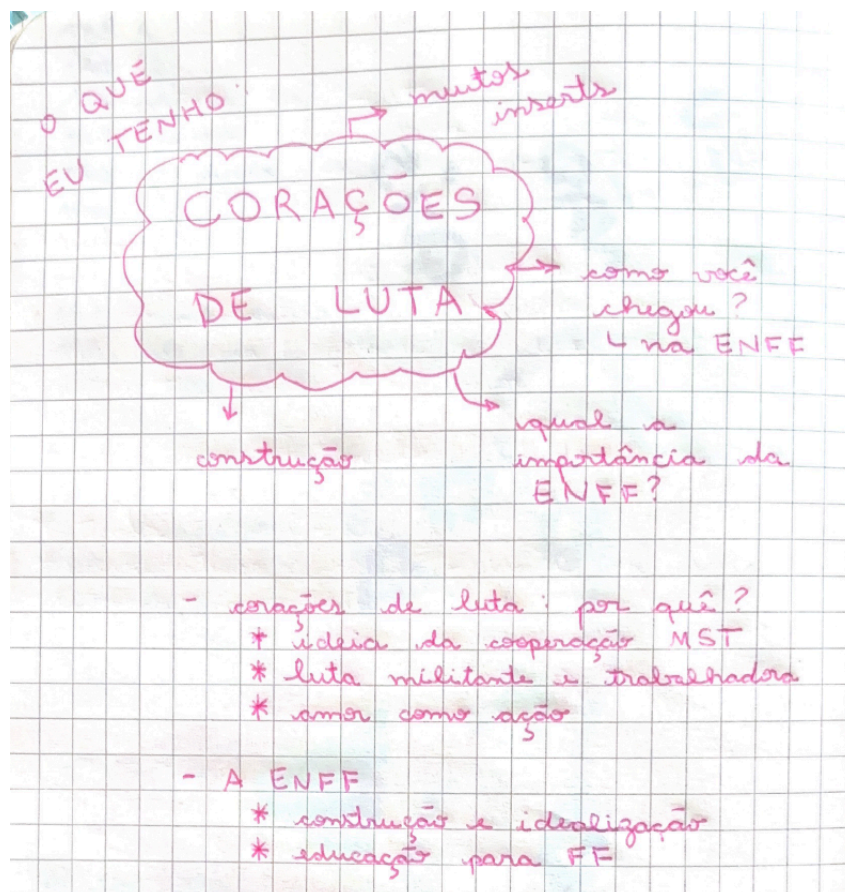


Figura 7 - A decupagem visual das gravações obtidas.

Fonte: Bianca Portezan de Oliveira (2024).

Eu não terminei de realizar a decupagem manual ou digitalmente, mas isso não atrapalhou no meu trabalho durante a montagem e a edição. Sendo assim, meu trabalho na etapa da decupagem foi o de analisar as falas de cada militante e buscar no meu material as melhores cenas para compor partes específicas, como por exemplo, a entrevista de Marília, que foi realizada no seu local de trabalho, a lavanderia. Além disso, acompanhando os momentos de Mística e também me baseando em referências de documentários do próprio MST, percebi que precisava trazer a música militante como parte do meu produto, porque ela é um importante componente da estrutura cultural do Movimento. Durante as Místicas, me atentei às letras para poder procurá-las posteriormente a fim de sonorizar as imagens gravadas com as músicas do MST, pensando em uma possível montagem de cenas com as letras das canções. Adiante, comentarei mais sobre a trilha sonora e a montagem.

Uma maneira utilizada por mim para preencher certas lacunas de entendimento ao longo do documentário, como o contexto do MST e a necessidade de construção da Escola,

foi utilizar os próprios documentários produzidos pelo MST, “Quem somos nós?” e “ENFF: uma Escola em construção”, que estão publicados no Youtube. Dessa forma, consegui aprofundar ainda mais a minha narrativa e dar uma característica educacional ao meu documentário, por promover o entendimento da história do MST e da Escola pelo próprio movimento, mesclando as entrevistas com trechos dos vídeos. Minha intenção é que o meu produto seja também um instrumento de divulgação da ENFF, e, inevitavelmente, do MST; ambos são os verdadeiros protagonistas do meu documentário, e é através das entrevistas e vídeos documentais do movimento que podemos aprender e conhecer suas particularidades, sem ruídos externos.

4.2. A TRILHA SONORA REVOLUCIONÁRIA

Para compor o cenário musical do meu documentário, como dito anteriormente, utilizei músicas gravadas pelo próprio MST, e, após pesquisa, encontrei no site “*Landless Voices*”⁶, um site de banco de dados do MST, e a música “Somos Filhos da Mãe Terra”, de Pedro Munoz, que é cantor, violonista e trovador brasileiro que tem uma relação próxima com movimentos sociais, incluindo o MST, e é conhecido por suas músicas que retratam a luta por justiça social, reforma agrária e a vida no campo, exaltando as lutas populares e a cultura camponesa.

As músicas têm um papel importante dentro do Movimento, pois são usadas não só como forma de resistência e denúncia, mas também como uma expressão cultural que mobiliza os militantes, fortalecendo os laços comunitários. São entoadas em momentos específicos, como na Mística, em marchas, encontros, acampamentos e assembleias. Por seu forte teor social e combativo, usando elementos da realidade de luta e da esperança da vitória, achei apropriado usar as que mais me emocionaram durante a minha estadia na Escola e que se conectariam perfeitamente às entrevistas gravadas e os inserts, pela sua letra ou melodia.

As músicas escolhidas foram do CD “Arte em Movimento” (2002). Nas palavras do Movimento,

Este é o nosso primeiro CD. Com ele, pretendemos registrar as composições dos nossos artistas que mais fizeram sucesso no Movimento desde a sua criação e

⁶ <https://landlessvoices.qmul.ac.uk/vieira/www.landless-voices.html>

apresentá-las à nação. São composições sobre e para a luta e que, agora reunidas, expressam o nosso entendimento da nossa caminhada. É claro que a música dos sem terra não é somente o que apresentamos aqui. No entanto, os outros tipos de manifestação dos nossos poetas-cantadores – tão importantes quanto os que ora apresentamos – constarão de outros CDs. Assim, vamos registrando nossa memória e mostrando com transparência a nossa face à sociedade brasileira. Agradecemos a todos os artistas, técnicos e todos os profissionais da área da música que nos apoiaram e puseram seus conhecimentos e arte à disposição deste disco. Sem vocês, tudo seria mais difícil. Chegamos até aqui. Agora, é continuar. (MST, 2009)

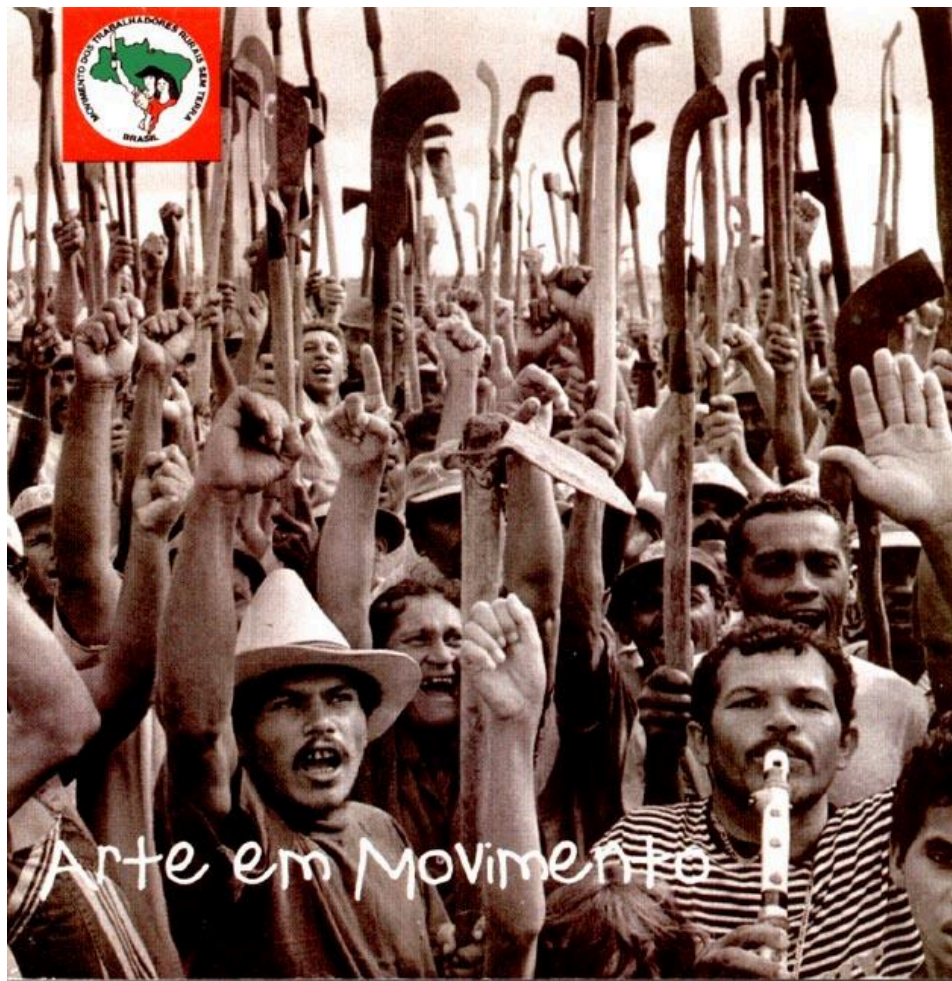


Figura 8 - A capa do CD “Arte em Movimento”, 1998).

Fonte: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Quando ouvi as músicas que foram utilizadas no documentário pela primeira vez, estava participando da Mística mencionada acima neste documento.

“Assim Já Ninguém Chora Mais” foi a primeira música a ser cantada naquele dia, abrindo a Mística com uma letra que denuncia a situação de vulnerabilidade dos trabalhadores

sem-terra diante de um sistema opressor, mas que também fala sobre a esperança coletiva, a união entre os militantes para lutar por suas causas.

[...]

E assim já ninguém chora mais ninguém tira o pão de ninguém chão onde pisava o
boi é feijão e arroz, capim já não convém.

[...]

Seguimos ocupando terra derrubando cercas conquistando o chão

Que chore o latifundiário pra sorrir os filhos de quem colhe o pão

E a luta por Reforma Agrária a gente até pára se tiver, enfim coragem a burguesia
agrária de ensinar seus filhos a comer capim. (MST, 1998)

“Pra Soletrar a Liberdade” foi a música entoada no momento mais especial da Mística. Durante a mesma, os militantes designados à tarefa de realizar a celebração recitam poemas e falas de cunho social, que estão alinhadas com a sua ideologia. Trabalho, estudo, luta, consciência de classe, cultura popular, internacionalismo e organicidade são os temas que foram abordados na Mística citada anteriormente nesse documento, e cada militante segurava um objeto, como bandeiras, ferramentas de trabalho, livros ou alimentos que representassem o Movimento. Após suas falas, a música começou, enquanto os militantes dançavam entre si com seus objetos até posicioná-los no chão, montando o cenário material carregado de representatividade. A letra da música denuncia a falha na alfabetização infantil no país, reivindicando uma educação de qualidade para que todos se tornem cidadãos, sugerindo que o MST já encontrou novas maneiras de educar dentro de seus assentamentos e poderia ser uma referência para a nação.

Alô, meus companheiros do Movimento Sem Terra!

Que prazer poder participar de um projeto de tanta dignidade!

[...]

Ter uma escola em cada canto do Brasil com um novo jeito de educar pra ser feliz

Tem tanta gente sem direito de estudar

É o que nos mostra a realidade do país.

[...]

Alternativa pra empregar conhecimento

Movimento já mostrou para a nação desafiando dentro dos assentamentos

Reforma Agrária também na Educação. (MST, 1998)

O “Hino do MST” é a música que encerra a Mística, recitado em uníssono por todos os militantes presentes. Uma letra que exalta o movimento e seus participantes, sempre em tom de coletividade, de unir forças para a luta, de esperança na vitória.

[...]

Vem, lutemos punho erguido nossa força nos leva a edificar nossa pátria livre e forte
construída pelo poder popular.

[...]

Nossa força resgatada pela chama da esperança no triunfo que virá forjaremos desta
luta com certeza pátria livre operária camponesa
nossa estrela enfim triunfará! (MST, 1998)

Outra música utilizada, “Somos Filhos da Mãe Terra”, de Pedro Munhoz, é uma denúncia ao sistema capitalista agressivo, percorrendo temas que são diretamente causados pela sua característica de obtenção de lucro pela burguesia, como destruição ambiental, opressão da classe trabalhadora e utilização dos meios de comunicação para transmitir uma ideologia alinhada à classe dominante. Eu não ouvi a canção dentro da Escola, mas pesquisando sobre músicas do MST que eu poderia usar no documentário, me deparei com essa, que se encaixa nos mesmos objetivos das músicas do Movimento.

“ [...]

Adonaram-se das mentes

Botaram marca no mundo

Transgenicamente tudo

Envenenaram sementes

Fizeram com toda a gente

O que nunca se fizera

Não por coincidência mera
Nos chamam, consumidor
Somos parte sim senhor
Somos filhos da Mãe Terra
[...]
Rádio, TV e jornal
Tudo tem o mesmo dono
A mentira ganha entono
Na notícia parcial
Senhor do bem e do mal
O sistema então, opera
A mudança nada altera
Eleição e eleitor
Somos parte sim senhor
Somos filhos da Mãe Terra
[...]
Finalizando senhores
Sem querer a ferro e fogo
O que está mesmo em jogo
É a bolsa de valores
Grandes especuladores
Onde o Capital prospera
É o império quem lidera
Este circo de horror
Somos parte sim senhor
Somos filhos da Mãe Terra.” (MUNHOZ, 2011)

Mesmo que eu tenha utilizado apenas trechos de cada uma das músicas citadas acima, elas têm sua importância simbólica e representativa para o meu documentário, se conectando com cenas que buscam a essência da Escola em momentos de estudo, trabalho e lazer. São músicas que em sua letra e melodia carregam a ideologia do Movimento, unindo os militantes que se tornam uma voz só quando cantam juntos em seus espaços de coletividade.

4.3 A MONTAGEM REFLEXIVA E A EDIÇÃO POLÍTICA

A montagem e a edição do documentário foram realizadas através do *software* Adobe Premiere 2021, que eu já havia instalado no meu computador para outros trabalhos da faculdade. Para minha própria organização e pela quantidade de material bruto obtido, eu separei as gravações em pastas específicas, separando-as pelas suas características, como: cozinha, lavanderia, Mística, palestra do Stédile, músicas do MST, vídeos do MST, etc. Com a decupagem dos inserts feita previamente, o meu trabalho seria agora juntar as entrevistas em uma narrativa lógica e encaixar as gravações paralelas para dar o tom que eu gostaria ao documentário.

Ao catalogar e separar o material, pude rever algumas cenas e perceber que os planos, até mesmo os que não foram usados, eram ricos de significado para construir um paralelo com o teor das entrevistas, ponto principal do meu documentário, e que seriam essenciais para dar sentido aos momentos do produto no qual não existe narração, mas sim um trecho de uma música ou uma melodia.

Pensando também no tema do documentário e na maneira como eu gostaria de representar os trabalhadores militantes da ENFF e a própria Escola, criei uma sequência que usa as entrevistas junto com dois trechos de vídeos produzidos pelo MST, como mencionado anteriormente nesse documento, com a intenção de contextualizar para o espectador sobre a história do movimento social ao qual o entrevistado faz parte e sobre o local onde ele está, a ENFF, para que as perguntas fizessem sentido. A escolha de colocar a minha própria narração no começo do documentário enunciado uma das perguntas, que, ao meu ver, é a principal: “O que a Escola significa para você?”, foi para que fique evidente o que será mostrado ao decorrer do produto. Acredito que questionar a importância da Escola na vida do entrevistado cria uma aproximação e um entendimento mais aprofundado do que uma simples explicação superficial do que é a Escola em si. Não senti necessidade de expor a segunda pergunta que seria sobre a trajetória militante dos entrevistados, porque, ao analisar as respostas, percebi que todos conseguiram deixar de forma mais objetiva o teor do que estava sendo questionado, sem necessidade de um direcionamento específico.

Me baseando na ideia de montagem de Serguei Eisenstein, durante o processo de edição, observei que recortar as entrevistas para encaixá-las ao padrão mecanizado que aprendi na faculdade e no mercado de trabalho na área iria impor uma estética “ideal” ao meu produto, uma “fórmula” para deixar tudo mais palatável possível ao espectador. Essa

“fórmula” de edição tem um porquê de ser, e podemos entender o seu caráter ideológico quando estudamos principalmente a Indústria Cultural.

Buscando produzir um documentário participativo, o meu objetivo é que a narrativa seja contra-hegemônica, se alinhando às ideologias do MST por luta e justiça social, dando visibilidade às histórias dos trabalhadores militantes e sobre sua visão única e subjetiva da Escola. Minha principal escolha para seguir em frente com a etapa da edição foi a de colocar todas as entrevistas na íntegra, sem cortes entre as respostas e sem recortes durante as falas para acelerar ou remover manias de linguagem. Essa escolha não foi só estética, mas foi também política, ideológica e ética, reafirmando o compromisso do meu documentário de ser um instrumento de divulgação do MST e da Escola; as entrevistas em sequência devem ser assistidas da forma como estão retratadas, para que haja entendimento pleno, sem manipulações ou ruídos.

Como uma forma de introduzir o documentário, utilizei alguns inserts de momentos comuns na Escola, de estudo, trabalho e lazer, e de espaços coletivos, com imagens de algumas palavras que foram utilizadas como decoração para o ciclo de debates com João Pedro Stédile, no dia 27. Essas palavras fazem parte da base do Movimento, são palavras que por si só carregam um significado concreto, muito mais do que semântico. Ao intercalar uma palavra e uma ação, a intenção é que ambas se conectem, mostrando ao espectador que, na Escola, o discurso se transforma em ato.

O processo de montagem e edição é muito simbólico para expressar meu objetivo de dar visibilidade ao Movimento e a Escola. Acredito que através das imagens, músicas e falas conectadas, consegui atingir a intenção esperada para o meu documentário, conduzindo o espectador, seja ele já familiarizado com o Movimento e a Escola, ou o que não conhece a fundo as particularidades de ambos, ou até mesmo aquele que não gosta do Movimento, a um momento de imersão e reflexão, no qual o áudio e o vídeo tem caráter dialógico e político, e até mesmo educacional, sem intervenções pessoais que poderiam manipular o meu produto.

Enquanto estudante de Rádio, TV e Internet e militante alinhada com as causas sociais do MST, entendi desde o começo da concepção do meu documentário que eu deveria usar meu conhecimento de comunicação para ser um instrumento contra a ideologia da classe dominante que tem o poder da narrativa nas grandes mídias, utilizando o saber prático e teórico do meu curso de graduação para construir em conjunto aos trabalhadores militantes do MST que cederam mais do que suas imagens e suas vozes, mas seus ideais, seus sentimentos

e sua sabedoria, um documentário que se propõe a ser político, que se propõe a criar sua própria narrativa combativa, revolucionária e coletiva.

4.4. AS CORES

Para o processo de colorização, utilizei o software Adobe Premiere 2021. Como não tenho familiaridade com os recursos de tratamento de imagem, tentei apenas realçar as cores e melhorar algumas cenas que estavam mais estouradas devido a iluminação. Não tinha a intenção de modificar as gravações para seguir um padrão estético, apenas de melhorar a visibilidade do produto final.

4.5. A IDENTIDADE VISUAL

Inicialmente, não cheguei a refletir sobre a identidade visual do meu documentário, uma vez que não tinha a intenção de divulgar o produto em uma conta de Instagram ou qualquer outra rede social. Além disso, a importância do documentário não dependeria de sua visualidade, como na aplicação de motion graphics. Porém, ao perceber que seria interessante criar um veículo de divulgação que ultrapassasse as barreiras da Universidade e pudesse chegar ao próprio Movimento e a outros militantes, fiz um Instagram após o término das gravações, sem a intenção de utilizá-lo de forma constante.

Ao sentir a necessidade de criar um logo para o perfil da conta do Instagram, utilizei primeiramente o Canva como ferramenta para esboçar minha ideia. Minha referência era a própria bandeira do MST, fazendo uma releitura que traria o título do documentário, com o lema do Movimento e uma imagem simbólica de um coração entre dois facões, instrumento de trabalho dos trabalhadores sem-terra.



Figura 9 - Bandeira do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (1987).

Fonte: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Para o movimento, cada cor e objeto em sua bandeira tem um significado específico, não são aleatórios. Entender isso é essencial para compreender a profundidade das ações políticas do MST. A intencionalidade usada para definir o uso de cada cor se mostra mais presente quando temos o contexto histórico e social da luta do MST. As cores são também uma representatividade visual do movimento.

Cor vermelha: representa o sangue que corre nas nossas veias de cada trabalhadora e trabalhador e a disposição de lutar pela Reforma Agrária, pela transformação da sociedade;

Cor branca: representa a paz, que somente será conquistada quando houver justiça social;

Cor preta: representa nosso luto e a nossa homenagem a todas as trabalhadoras e trabalhadores, que tombaram na luta pela nova sociedade;

Cor verde: representa a esperança das trabalhadoras e trabalhadores Sem Terra quanto a vitória de cada latifúndio que conquistamos. (MST, 2024)

Os desenhos do mapa do Brasil, do facão e dos trabalhadores também tem um motivo único que representa o MST. São símbolos visuais da luta do movimento e de seus militantes, sendo o facão a representação da ferramenta de trabalho, de luta e de resistência, ultrapassando o mapa para indicar que o movimento é internacionalista; a trabalhadora e o trabalhador representando a necessidade da luta ser feita por mulheres e homens; e o mapa do Brasil, que representa a luta nacional dos Sem Terra e a necessidade de que a Reforma Agrária deve acontecer em todo o país. Refletindo sobre os elementos visuais e as cores que eu gostaria que simbolizassem o logo do meu documentário, foi fácil chegar a conclusão que usaria as mesmas tonalidades, por suas intenções em ir além de um simples uso de uma paleta de cores que se complementam. Em relação aos desenhos, pensando no tema do meu projeto, decidi substituir os dois trabalhadores pelo desenho de um coração, mantendo a mesma simbologia de mostrar que a luta precisa ser feita por todos e todas. O facão também continua com o mesmo significado que ele tem para a bandeira, mesmo que ele esteja sendo utilizado de uma forma diferente no logo do meu documentário. Ao adicionar mais um facão e colocá-los de maneira cruzada, a intenção é mostrar como esse coração está conectado com a luta, uma luta coletiva, que “brinda” suas vitórias com as ferramentas em mãos.

Os primeiros esboços não saíram satisfatórios, uma vez que eu não tenho habilidades de design necessárias para a concepção de um logo, e também não tenho familiaridade com *softwares* de criação como o Adobe Illustrator e o Adobe Photoshop. Ao perceber minhas dificuldades, um amigo do curso de Design da Unesp de Bauru, João Francisco da Rocha Souza, me contatou para que ele pudesse me ajudar, se baseando na minha ideia inicial e nos esboços realizados pelo Canva. Não precisei de reuniões e nem sequer de muito detalhamento para chegar ao resultado final, que foi concebido no mesmo dia do contato inicial. Não foram necessárias alterações na arte criada por Francisco, a quem agradeço imensamente por ter se disposto de forma voluntária a ajudar no projeto.



Figura 10 - A identidade visual do documentário “Corações de Luta”.

Fonte: João Francisco da Rocha Souza (2024).

Utilizando o *software* de criação Adobe Illustrator, Francisco se baseou na bandeira do MST, minha referência, usando a mesma fonte para as palavras, as mesmas cores, e os mesmos elementos, como mencionado acima. Apesar das substituições, a intenção se manteve a mesma, remeter ao Movimento pela similaridade com sua bandeira, mas trazer originalidade ao exibir o nome do documentário e o lema do MST, unidos a uma representação quase literal do que será abordado no meu produto.

Me baseando nas palavras do grande comandante Che Guevara, que me guiou durante a minha trajetória como militante, e nas minhas próprias experiências na Escola junto com o Movimento, percebi a importância de representar o amor de alguma forma, mesmo que não conseguisse deixar evidente o conceito de ética amorosa e amor de bell hooks através de gravações, como já citado anteriormente neste documento:

Deixe dizer-lhe, com o risco de parecer ridículo, que o verdadeiro revolucionário está guiado por grandes sentimentos de amor. É impossível pensar num revolucionário autêntico sem esta qualidade. Quiçá seja um dos grandes dramas do

dirigente; este deve unir a um espírito apaixonado, uma mente fria e tomar decisões sem que se contraia um músculo. Os nossos revolucionários de vanguarda têm que idealizar esse amor aos povos, às causas mais sagradas e fazê-lo único, indivisível. Não podem descer com a sua pequena dose de carinho cotidiano face aos lugares onde o homem comum o exercita. (GUEVARA, 1965, p.14)

Diante disso, o coração, aqui, simboliza o caráter pulsante e afetivo do Movimento, que busca a justiça social através de uma coletividade amorosa e revolucionária, que entende que suas ações são também imbuídas de amor pelo próximo, de cooperação, do desejo uma transformação social não só para os militantes do Movimento e seus aliados, mas também para a sociedade como um todo, guiado pelo sentimento de insatisfação e indignação com os moldes estruturais a que estamos submetidos dentro do capitalismo. Seguindo a mesma lógica representativa, os facões simbolizam a luta em sua materialidade, sendo um objeto de trabalho e de resistência metafórica do MST, sempre utilizado em suas marchas, celebrações e produções artísticas, assim como em seu logo.



Figura 12 - MST ocupa fazenda improdutiva no Paraná, em 1996.

Fonte: Êxodos (2000), Sebastião Salgado.



Figura 13 - MST em marcha, 2022.

Fonte: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.



Figura 13 - “Ocupar, Resistir, Produzir”, painel de Elda Broilo para o *Segundo Congresso Nacional*, 1990.

Fonte: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Utilizando o lema do Movimento, “Ocupar, resistir e produzir”, que foi idealizado no 2º Congresso Nacional do MST em 1990, volto à minha intenção de dar visibilidade ao Movimento. É preciso ir além do significado semântico das palavras, que podem causar desconforto a princípio, principalmente a palavra “ocupar”, por seu caráter imperativo, para enxergar a magnitude da luta do Movimento. É preciso entender o por que do uso das palavras específicas e o seu simbolismo para o MST, o que é “ocupar” para o MST, o que o MST “ocupa”. Ao instigar o espectador com as palavras de ordem citadas acima, busco desmistificar o senso comum que ronda o MST com informações falsas e incorretas ao longo do meu documentário, trazendo uma explicação objetiva do funcionamento do MST.

Acredito que a criação de um logo simbólico e cheio de referências contribuiu para uma representação visual do documentário, deixando em evidência o tema abordado mesmo que não explicitamente.

5. CONCLUSÕES FINAIS

Esse trabalho não é a finalização da minha trajetória enquanto profissional do audiovisual e militante. Assim como Florestan Fernandes, sociólogo e militante, eu acredito que é preciso lutar contra as alienações que nos cegam perante a realidade, que nos oprimem e nos influenciam com uma intenção capitalista, mercadológica, impedindo que floresça qualquer pensamento inovador, crítico, qualquer indignação. Florestan tinha como instrumento a educação, sendo um dos maiores defensores da educação pública e de qualidade para classes marginalizadas no Brasil; eu, tenho como ferramenta política a teoria da comunicação, a linguagem audiovisual, a sociologia, e uma câmera.

Entendo o privilégio que tenho por ter tido acesso a uma educação que, mesmo não sendo libertadora, me permitiu o mínimo para poder questionar a realidade. Entendo ainda mais o privilégio de estar me formando em uma universidade pública, de qualidade. Foi através da Unesp que pude levar adiante as minhas indignações e desejos de mudança sociais, pude colocar em prática formas de produzir um audiovisual político nos trabalhos da faculdade, e pude adquirir um conhecimento libertador que me radicalizou e me permitiu adquirir novas maneiras de interpretar as estruturas da nossa sociedade e suas injustiças sociais.

Refletindo sobre a minha trajetória enquanto estudante e militante, percebo que ambas estão dialeticamente conectadas, acontecendo concomitantemente, são inseparáveis. Me tornei professora de Consciência de Opressão do cursinho popular Primeiro de Maio, da Unesp, em Março de 2023, buscando uma maneira de atender a minha necessidade pulsante de poder transmitir o conhecimento que adquiri durante os anos da graduação, de uma maneira que os instigasse a questionar. Pude compreender em sua materialidade a importância de uma educação que se propõe a ser emancipatória, concretizando minha ação política ao trazer assuntos sociais nas minhas aulas. Atualmente, sou professora de Sociologia no cursinho Principia, também da Unesp, e minha responsabilidade enquanto militante se tornou muito maior ao poder ensinar para os meus alunos uma Sociologia aos moldes de Florestan Fernandes, uma sociologia crítica, libertadora. Me dediquei a estudar os tópicos mais importantes para o vestibular, mas também sempre pensando em como fazer meus alunos se apoderarem do conhecimento, e, através dele, serem instrumento de mudança.

Enquanto o meu lado educadora aflorava, o meu lado radialista também ganha força após visitar a Escola Nacional Florestan Fernandes e perceber a possibilidade de construir um

produto audiovisual que fosse o resultado de todos os meus anos enquanto estudante-militante-educadora. Minha intenção com o documentário *Corações de Luta* é alinhar teoria e prática, ser um exemplo de práxis revolucionária através do audiovisual. Acredito que o audiovisual precisa ser utilizado de forma política, das etapas iniciais às finais, na frente e atrás da câmeras; é preciso que profissionais do audiovisual sejam combatentes contra-hegemônicos, sejam veículo de mudança social ao utilizar o seu conhecimento teórico e prático na área para contar narrativas silenciadas pela sociedade. Acredito que o meu produto final cumpriu o seu objetivo de ser experimental, político e social, de ser uma ferramenta educacional, de dar visibilidade a ENFF e ao MST para que novas reflexões fossem propostas pelos espectadores.

Finalizo este trabalho com a certeza de que me torno uma radialista e militante, sempre curiosa, sempre indignada, sempre questionadora. Acredito que comentar sobre a Escola Florestan Fernandes, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e Florestan Fernandes em poucas páginas não contempla a magnitude de suas existências, sendo preciso muito mais tempo e espaço para realizar uma pesquisa completa sobre cada um destes. Não foi possível escrever tudo que eu gostaria neste trabalho, mas afirmo a necessidade de mais pesquisas, mais estudos, mais artigos sobre a luta social do MST. É preciso que a universidade também seja um instrumento da classe trabalhadora, trocando conhecimento teórico e experiência prática na busca por justiça social, entendendo seu papel enquanto formadora de opiniões e possibilidades de uma educação emancipatória.

Para o futuro, desejo transformação social.

Contra as ideias da força, a força das ideias!

6. REFERÊNCIAS

BATISTA JR., N. **Cinema e revolução: o construtivismo russo e a montagem dialética, bases da pedagogia política das imagens de Eisenstein.** *Lutas Sociais*, [S. l.], v. 21, n. 39, p. 64–76, 2017. DOI: 10.23925/ls.v21i39.35878. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/35878>. Acesso em: 3 dez. 2024.

COELHO, Fabiano. **A prática da mística e a construção de uma memória histórica no MST.** *História Revista, Goiânia*, v. 22, n. 1, p. 119–138, 2017. DOI: 10.5216/hr.v22i1.30284. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/30284>. Acesso em: 3 dez. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GUEVARA, Ernesto. *O Socialismo e o Homem em Cuba.* In: Obras. v. 2, p. 367-384. Casa de las Américas, s.d.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas.** São Paulo, Elefante, 2021.

LUCENA, L. C. **Como Fazer Documentários - Conceito, Linguagem e Prática de Produção.** São Paulo, Summus Editorial, 2012.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST). **Arte em movimento.** 6 jul. 2009. Disponível em: <https://mst.org.br/2009/07/06/arte-em-movimento/>. Acesso em: 3 dez. 2024.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST). **Nossos símbolos.** Disponível em: <https://mst.org.br/nossos-simbolos/>. Acesso em: 3 dez. 2024.

MOVIMENTO SEM TERRA. *ENFF: Uma Escola em Construção (A School Under Construction).* YouTube, 21 jan. 2011. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kvKhNUkxfYk&ab_channel=MovimentoSemTerra. Acesso em: 3 dez. 2024.

MOVIMENTO SEM TERRA. *Quem somos nós?.* YouTube, 15 jan. 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kvKhNUkxfYk&ab_channel=MovimentoSemTerra. Acesso em: 3 dez. 2024.

MUNHOZ, Pedro. **Somos filhos da mãe terra**. *Letras.mus.br*. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/pedro-munhoz/somos-filhos-da-mae-terra/>. Acesso em: 3 dez. 2024.

NICHOLS, B.; MARTINS, M. S. **Introdução ao documentário**. 4. ed.-. Campinas: Papirus, 2009. Print.

PIZETTA, Ana Maria Justo. **Por que construir a Escola Nacional Florestan Fernandes?**. *Cadernos de Estudo ENFF*, v. 7, p. 14.

SILVA, I. V. **Glauber Rocha e o movimento Cinema Novo**. *Teoria e Cultura*, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFJF, v. 17, n. 2, p. 126-135, out. 2022. ISSN 2318-101x (on-line), 1809-5968 (print). Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/38489>. Acesso em: 3 dez. 2024.

SILVA, L. G. **Panorama da produção audiovisual do MST**. *A Terra é Redonda*, 28 nov. 2022. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/panorama-da-producao-audiovisual-do-mst/>. Acesso em: 5 dez. 2024.

VIEIRA, Else R. P. (org.) *As Imagens e as Vozes da Despossessão: A Luta pela Terra e a Cultura Emergente do MST: O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra do Brasil*. School of Languages, Linguistics and Film, Queen Mary University of London www.landless-voices.org